



Projeto de Extensão Jogando para Aprender: possibilidades do ensino das capacidades coordenativas e táticas básicas para escolares

Eraldo dos Santos Pinheiro: Educação Física - UFPEL

Patricia Machado da Silva: Educação Física - UFPEL

Patrícia da Rosa Louzada da Silva: Mestranda em Educação Física - UFPEL

Acadêmica de Educação Física: Vivian Hernandez Botelho

Introdução

A prática esportiva na infância é de grande importância pelo fato de o esporte ser um fenômeno de natureza educacional (KORSAKAS, 2009).

No entanto, compreendê-lo como um fenômeno

social e cultural demanda identificar e adequar às manifestações do esporte, seja de rendimento, de participação ou educacional aos contextos de sua atuação. Uma vez que o ensino do esporte na escola é atribuído aos professores de Educação Física (EF), dessa forma relacionado a utilizá-lo como uma ferramenta pedagógica, os docentes

devem fomentar uma prática educacional e não um espaço que reproduz sem discutir o que é transmitido nas grandes mídias sobre esporte de rendimento.

Na área da Educação Física Escolar (EFE) há uma diversidade de métodos divulgados na literatura, e com isso o ensino do esporte segue diferentes diretrizes (REVERDITO, 2009). No entanto, Kröger e Roth (2002) afirmam que o ensino dos jogos coletivos deve ocorrer por meio de jogos situacionais e de uma aprendizagem incidental, para o desenvolvimento da capacidade de jogo e das capacidades coordenativas. Greco e Benda (1998) enfatizam que o processo de ensino e aprendizagem vai além de repetir gestos técnicos de forma isolada, e afirmam que é necessário jogar para aprender e não o contrário.

Para o ensino do esporte, Greco (2007, p.81) aponta que ao ensiná-lo “falta uma estrutura,

uma filosofia e uma política de ação coerente com as necessidades e interesses das crianças”, e desse modo o autor questiona os erros cometidos quando professores da EFE ou treinadores de clubes antecipam fases e priorizam a especialização técnica de forma precoce. A fim de colaborar com o ensino do esporte, o método da Iniciação Esportiva Universal (IEU) proposto por Greco e Benda (1998), apresenta uma opção sistemática de ensino que destaca o jogo como o elemento didático-pedagógico, pensado e aplicado de acordo com “as características evolutivas da criança, especialmente no que se refere à sua maturidade, evolução psicológica e cognitivo-social” (GRECO; BENDA; RIBAS, 2007, p. 68).

A partir, então, da necessidade de explorar a aplicabilidade do método em escolares do Ensino Fundamental, aproximando o espaço acadêmico das possibilidades da escola, surgiu o projeto extra-classe denominado Jogando para Aprender (JPA).



Acadêmicos e alunos do JPA. Fonte: Acervo do projeto JPA

Trata-se de uma realização do Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo (LEECol), da Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em parceria com uma escola pública estadual da cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul. O projeto é realizado por uma equipe composta por acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física, supervisionado por estudantes do Programa de Pós-Graduação em EF da UFPel, participantes do LEECol, e orientado pelo coordenador do Laboratório.

Priorizaremos como objetivo a descrição detalhada da realização do JPA, no que se refere à inserção no meio escolar, proposição do ensino e aprendizagem das capacidades coordenativas (CC) e das capacidades táticas básicas (CTB) aos escolares do Ensino Fundamental que não possuem a disciplina de EF sendo ministrada por um professor da área.

O caminho percorrido

O presente trabalho percorrerá sua escrita com base nos estudos qualitativos, descrevendo a realização do projeto JPA, o qual firma suas ações em se tratando de uma intervenção pedagógica (IP) definida por Damiani et al (2013, p.58) como “investigações que implementam mudanças em um meio com a finalidade de promover uma evolução nos processos de aprendizagem, além de ao final, avaliar os efeitos dessa intervenção”. No entanto, a IP faz parte de um segundo momento, marcado primeiramente pela inserção e participação ativa da equipe do JPA em um grupo de estudos focado em estudar a IEU.

Antes de se chegar à parceria com uma escola estadual da cidade de Pelotas, a equipe atribuiu ao seu trabalho dois semestres com reuniões semanais, planejando e direcionando como seria a realização da IP. A partir de então a equipe do JPA deu início a fase de busca à escola parceira, sendo uma das exigências que a mesma estivesse localizada nas proximidades da ESEF, pois

favoreceria o deslocamento da equipe de trabalho do JPA.

A fase de buscar a escola parceira foi rápida, pois nas proximidades da ESEF se encontra uma escola estadual. O projeto de extensão foi apresentado para a 5ª Coordenadoria Regional de Educação (5ª CRE), que autorizou a sua realização. Além disso, foi apresentada a autorização da 5ª CRE e a proposta do JPA à escola, na qual a coordenação se mostrou receptiva e aceitou participar da IP. E os motivos desta escolha vão além da sua localização, afinal a mesma se adequava as características pertinentes ao projeto, por não possuir EFE ministrada por um professor específico de Educação Física e por ter disponibilidade de alunos na faixa etária indicada à aplicação da IEU.

O período de realização da intervenção pedagógica foi o segundo semestre de 2017, especificamente de julho a dezembro, e totalizou 21 encontros, os quais foram distribuídos em duas aulas semanais de uma hora cada. Participaram da IP 32 crianças com idades que variaram entre seis e doze anos. Para melhor organização do trabalho e atendimento às indicações da iniciação esportiva universal, as crianças foram divididas em duas turmas chamadas de T1, com 20 alunos de 1º e 2º ano, entre seis e oito anos de idade e a T2, com 12 alunos de 3º ano, de nove a doze anos.

Com relação à aplicação do método da IEU na T1, o foco de ensino e aprendizagem foram as capacidades coordenativas (CC) e, da T2, as capacidades táticas básicas (CTB).

Estrutura da IP para o ensino e aprendizagem das CC

As CC são as capacidades de coordenar movimentos sob parâmetros de pressão e consistem numa base para o aprendizado da técnica das modalidades (GRECO; SILVA; SANTOS, 2009).

A fórmula para o ensino-aprendizagem-treinamento das capacidades coordenativas consiste em se apresentar habilidades simples (com/sem bola), relacioná-las com os elementos de pressão da percepção, dos sentidos que procedem à recepção da informação, e que a resposta motora a ser realizada seja colocada também em situação de pressão semelhante as que acontecem nas modalidades esportivas. (GRECO,2012, p.157)

Os parâmetros de pressão descritos acima e alguns exemplos de atividades comuns em modalidades formais em que eles aparecem serão apresentados no quadro 1.

Para organizar a aula, estruturamos a IP diversificando sempre com a presença de dois parâmetros de pressão, exemplo, tempo e precisão, por meio de atividades atrativas às crianças contendo um elemento, através de circuitos motores, jogos de perseguição ou estafetas com ênfase nas habilidades básicas de locomoção, manipulação e estabilização. O processo de ensino e aprendizagem na IP do JPA foi pautado de modo a respeitar as indicações de que o esporte na escola deve ser ministrado por meio de brincadeiras e jogos (FREIRE E SCAGLIA, 2003).

Quadro 1 - Elementos de pressão da motricidade (KRÖGER; ROTH, 2002).

Parâmetros de Pressão	Tarefas coordenativas onde são necessários	Exemplos
Tempo	Minimizar o tempo ou maximizar a velocidade de execução	Corrida de 100 metros, passe ao colega que corre no espaço livre no contra-ataque
Precisão	A maior exatidão possível	Lance livre no basquete, arco e flecha
Complexidade	Resolver sequências de exigências sucessivas, uma depois outra	Séries da ginástica. Fintas e drible no handebol
Organização	Superar exigências ambientais variáveis e situações diferentes	Mortal com giro. Receber a bola fintando a linha de corrida
Variabilidade	Superar exigências de tipo físico-condicionais ou psíquicas	Jogos esportivos coletivos
Carga		Lançamento de dardo e arremesso de peso



Dessa forma, cada aula apresentava atividades que continham uma combinação de duas CC.

Os materiais eram os mais diversificados possíveis: bolas de vôlei, basquete, handebol, futsal e de borracha, cones e arcos. A equipe possuía um diário de campo, no qual após cada aula eram anotadas informações sobre o desenvolvimento das atividades, problemas, dificuldades, para que se pudesse planejar as próximas aulas de forma adequada, a partir do acompanhamento da evolução dos alunos.

Atividades com a T1
Fonte: Acervo do projeto JPA



Alguns materiais organizados para circuito motor com a T1
Fonte: Acervo do projeto JPA

Estrutura da IP para o ensino e aprendizagem das CTB

Para o planejamento da IP na T2 foi seguido o quadro 2 que trata das CTB:

Quadro 2 - Capacidades Táticas Básicas

Parâmetro tático	Atividades/Tarefas táticas como	Relaciona-se no jogo com
Acertar o alvo	Lançar, chutar, combater, disputar uma bola a um alvo, para que atinja um local escolhido	Fazer gol/ponto. Objetivo do jogo específico
Transportar a bola para o objetivo	Transportar, jogar, fazer a bola chegar a um objetivo determinado	Fazer gol/ponto. Objetivo do jogo específico
Jogo coletivo/jogo em conjunto	Receber a bola do colega, ou passar a bola para este	Colega e espaço de jogo
Reconhecer espaços	Reconhecer as chances para se jogar a gol, para obter vantagens sobre o adversário	Adversário e ambiente
Criar superioridade numérica	Jogar em conjunto com o colega, conseguir um ponto, gol, ou preparar o ponto, gol para o colega fazer (assistência)	Adversário e ambiente
Superar o adversário	No confronto com o adversário, assegurar a posse de bola e superar a posição	Adversário e ambiente
Sair da marcação	Sem posse de bola, se posicionar para receber e ajudar o colega	Adversário e ambiente

Fonte: Adaptado de GRECO; SILVA; SANTOS, 2009, p.174

A estrutura da IP com a T2 ocorreu da seguinte forma: as três primeiras aulas foram de adaptações e de apresentação da proposta à turma, seguido de aplicação de seis jogos descritos no quadro 3 como uma avaliação prévia (AP) a fim de dar suporte ao planejamento da IP.

o ensino seja do mais simples ao mais complexo, de poucos a muitos elementos.

Como forma de registro de todas as fases da realização da IP, a equipe do JPA utilizou um diário de campo, assim como na T1.



Atividade com a T2 Fonte: Acervo do projeto JPA

A equipe do JPA fez anotações individuais frente à CTB de cada um dos 12 participantes. Durante as 15 aulas de desenvolvimento da IP, os mesmos jogos estiveram presentes nas aulas. Porém, diferentemente da AP, quando não era fornecido nenhum tipo de opinião aos alunos durante o desenvolvimento das aulas, a mediação (feedback) da equipe do JPA foi constante no sentido de orientar, diversificar, variar elementos, sempre respeitando o método da IEU, o qual orienta que

Quadro 3 - Jogos da Avaliação Prévia (AP) da T2

Nome do jogo	CTB observada
Ataque ao castelo	Acertar o alvo, transportar a bola para o objetivo, jogo coletivo, reconhecer espaços, criar superioridade numérica, superar o adversário e sair da marcação.
Caçador	Acertar o alvo, jogo coletivo, reconhecer espaços.
Dono da rua	Reconhecer espaços, superar o adversário e sair da marcação.
Jogo dos passes	Transportar a bola para o objetivo, jogo coletivo, reconhecer espaços, criar superioridade numérica, superar o adversário e sair da marcação.
Nunca três	Reconhecer espaços, superar o adversário e sair da marcação
O dono do número chuta ou arremessa	Acertar o alvo, superar o adversário e transportar a bola para o objetivo.



Atividade de jogo dos passes e jogo da velha com a T2
Fonte: Acervo do projeto JPA

Considerações finais

Ao longo da intervenção pedagógica foi possível constatar a evolução dos alunos frente aos desafios propostos pelo JPA. A T1 na avaliação prévia havia demonstrado a necessidades de progredir em todos os parâmetros, pois apresentaram movimentos desordenados, sem precisão e com longa demanda de tempo para execução de tarefas aparentemente simples e de acordo com a suas faixas etárias. Na avaliação final se constata que as crianças evoluíram significativamente, visto que passaram a cumprir as tarefas propostas e brincar de modo mais organizado, demonstrando controle no sentido de coordenar as ações de segurar, lançar, rolar, pular e conduzir os elementos de forma precisa, isto é, lançar e pegar sem deixar cair no chão, por exemplo.

Já na IP realizada com a T2, os progressos ocorreram principalmente no quesito organização dentro das próprias atividades e na interação entre alunos (dentro e fora dos jogos). Na avaliação prévia foi possível observar uma forma

anárquica de jogar, nas primeiras atividades, nas quais a maioria das crianças não realizava ações de movimentação e leitura das jogadas básicas para o acontecimento dos jogos propostos.

A partir destas constatações e experiência ao longo da IP foi possível perceber a evolução constante do grupo. No decorrer das aulas as crianças foram ganhando confiança, perdendo o medo da bola, criando soluções individuais e em grupo, realizando questionamentos, entendendo o trabalho em equipe (o que melhorou o relacionamento fora da aula) e ampliando de forma generalizada suas capacidades táticas básicas.

Deste modo, se evidencia que a intervenção pedagógica (IP) atingiu suas expectativas enquanto promotora do ensino e aprendizado das capacidades coordenativas (CC) e capacidades táticas básicas (CTB) no meio escolar. No entanto, o tempo de execução da IP foi pequeno comparado às necessidades de ambos os grupos de alunos participantes T1 e T2, o que sinaliza a importância de ampliar a realização da IP também no ano de 2018.

REFERÊNCIAS

DAMIANI, Magda Floriana et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. In: **Cadernos de Educação** n.º 45. Pelotas: Faculdade de Educação UFPel, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3822>>. Acesso em: 06 março de 2018.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

GRECO, Pablo Juan. **Tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos: o conhecimento tático-técnico como eixo de um modelo pendular**. Rev. Port. Ciênc. Desporto, 2007.

GRECO, P.J.; SILVA, S.A.; SANTOS, L.R. Organização e Desenvolvimento Pedagógico do esporte no programa Segundo Tempo. In: OLIVEIRA, A.B.O; PERIM, G.L. **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo, da reflexão a prática**. Maringá: Eduem, Cap. 6, p.165–208 2009.

GRECO, Pablo Juan. **Metodologia do ensino dos Esportes Coletivos: Iniciação Esportiva Universal, Aprendizado Incidental-Ensino Intencional**. Revista Mineira de Educação Física (UFV), v. 20, p. 145-174, 2012.

KRÖGER, Christian; ROTH, Klaus. **Escola da bola: um ABC da bola para iniciantes nos jogos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2002.

KORSAKAS, Paula. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: DE ROSE JUNIOR, D.; RÉ, A.H.N. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed, Cap. 4, p. 61-72, 2009.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens**. Revista Motriz, Rio Claro, v.15, n.3, p.600-610, 2009.

GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino. **Iniciação Esportiva Universal: Da Aprendizagem motora ao treinamento técnico**. In: GRECO, Pablo Juan; BRENDA, Rodolfo Novellino; RIBAS, João. **Sistema de Formação e Treinamento Esportivo**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, v.1, Cap. 2, p. 68, 2007.